



I CONGRESSO DADÁ DE ESTUDOS DE GÊNERO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
21 A 24 DE MAIO DE 2019

Mulheres rurais e a construção de saberes: um olhar sobre os quintais produtivos

OLIVEIRA, Jannah¹; SILVA, Luana²; JALIL, Laetícia³

¹Estudante de Graduação em Bacharelado em Ciências Sociais, UFRPE, oliveirajannah@gmail.com;
²Estudante de Graduação em Engenharia Florestal, UFRPE, luanacristine209@gmail.com; ³Prof.^a Dr.^a
do Departamento de Ciências Sociais - UFRPE, laeticiajalil@gmail.com

Grupo de Trabalho: Relações de Gênero no meio rural

Resumo

Este presente trabalho é um pequeno recorte do Projeto de Iniciação Científica (PIC) ainda em desenvolvimento, intitulado “A contribuição das mulheres rurais na reprodução dos agroecossistemas: um olhar sobre os quintais produtivos”, que se localiza dentro da pesquisa nacional *Cadernetas agroecológicas – Feminismo e Agroecologia: repensando a economia a partir das práticas das mulheres rurais*, coordenada pelo GT de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia em parceria com entidades políticas e jurídicas e movimentos de mulheres ao longo do ano de 2018 nos territórios da Amazônia, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste do país, em que, neste recorte, a partir de um debruçar sobre a realidade de agricultoras agroecológicas localizadas na região do Sertão do Pajeú pernambucano, se pretende contribuir para as reflexões acerca da divisão sexual do trabalho que determina de forma profunda a vida das mulheres rurais na invisibilidade das atividades que realizam, divisão essa configurada como uma opressão estruturante de desigualdades históricas que mantêm as mulheres rurais numa posição de subordinação e inferioridade frente aos homens nas várias dimensões da vida. Para isso, através de uma análise qualitativa e de caráter participativo fundamentada numa metodologia feminista de construção coletiva de saberes e a partir das práticas do movimento agroecológico, se pretende aprofundar o olhar sobre as contribuições das agricultoras para os aspectos materiais, econômicos, ecológicos, simbólicos e culturais que as cercam, como o seu trabalho produtivo e reprodutivo e as relações econômicas outras que estabelecem.

Palavras-chave: feminismo; agroecologia; quintais produtivos; saber-fazer; sentidos.

Introdução

As diversas pesquisas em agroecologia desenvolvidas nos últimos anos apontam para uma questão comum, a das relações de gênero que, sendo uma construção social, se entrelaçam num complexo sistema de dominação produzido e sustentado pela sociedade, que não se resumem a diferenças biológicas, mas que revelam uma estrutura social determinante dos papéis do homem e da mulher. No mundo capitalista e patriarcal se manifesta primeiro na dimensão do trabalho, onde a sua divisão sexual determina os sujeitos protagonistas e os invisíveis em seus papéis sociais, em que o homem geralmente ocupa o campo produtivo da vida e à mulher fica reservado o trabalho reprodutivo, de cuidado e manutenção da casa e da família,



I CONGRESSO DADÁ DE ESTUDOS DE GÊNERO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
21 A 24 DE MAIO DE 2019

esta posição sendo historicamente considerada como “natural” do gênero e pouco valorizada na sua importância para a manutenção da vida.

Consideramos que essa naturalização do papel da mulher é introjetada de forma profunda pelas mulheres (Faria, 2009), se tornando parte de suas identidades e determinando de forma objetiva e subjetiva suas vidas. Realidade de subordinação esta que se constrói histórica, social e simbolicamente, configurando e fixando as representações sociais e as práticas que as acompanham (Descarries, 2006, p. 36 apud Siliprandi, 2015, p. 38), e determinando a forma como as sociedades se organizam e os sentidos que produzem. No mundo rural, essa divisão se aprofunda quando as relações de gênero estão baseadas em uma outra forma de organização social, em geral associada a uma moral religiosa determinante, e sendo a família a unidade tanto de produção quanto de reprodução, tornando complexa a separação entre trabalho produtivo e reprodutivo. Com base nos dados do último Censo Demográfico (2010), é possível perceber que as mulheres rurais, apesar de representarem quase a metade da população rural do país (47,38%), ainda sofrem com a falta de acesso a direitos básicos e com o processo de modernização da agricultura, assumindo cada vez mais as responsabilidades por seus grupos familiares (Butto, 2011, p. 12).

A pesquisa nacional das Cadernetas Agroecológicas, cujos resultados ainda estão em processo de análise e sistematização, já nos permite perceber algumas singularidades sobre a realidade das mulheres agricultoras que se achavam invisíveis, como para a produção realizada por elas no território que se compreende como quintal ou redor de casa e, além disso, para as outras relações econômicas, sociais e culturais que realizam nesse espaço, o que são elementos muito significantes para se refletir sobre a segurança alimentar, nutricional e econômica das famílias, o trabalho de cuidados e saúde, o fortalecimento do território e das identidades da comunidade e a preservação e reprodução da agrobiodiversidade. Os dados da região Nordeste, que apurou 111 registros de agricultoras demonstram que, da produção realizada e registrada por elas, um quantitativo de aproximadamente 22.700 itens, 49% dos produtos foram destinados para consumo próprio, 21% para troca, 27% para venda e 3% para doação, sem considerarmos as subnotificações. Transformando em valores monetários, registrou-se um valor total de produção de aproximadamente R\$ 163.200,00 para consumo e de R\$ 251.500,00 para venda. Pensando em termos econômicos, são números expressivos, mas que sozinhos não dão conta da riqueza dos detalhes e das relações que se estabelecem a partir do trabalho das mulheres rurais para além de valores monetários ou ideais de produtividade próprios do sistema político-econômico-social dominante, o que modifica o olhar sobre esse trabalho, onde os sentidos da economia clássica e das metodologias tradicionais são ineficientes.

A partir destes pontos, que deixam evidente o processo de invisibilização da mulher rural enquanto um sujeito produtivo além de reprodutivo, que contribui de forma significativa para a economia a partir de relações que não se enquadram dentro da lógica econômica tradicional e fazendo uma apropriação dessa construção sócio-histórica, se faz importante traçar um caminho que nos permita compreender de modo claro a realidade das agricultoras agroecológicas, bem como as relações que



I CONGRESSO DADÁ DE ESTUDOS DE GÊNERO

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
21 A 24 DE MAIO DE 2019

constroem e as atividades que realizam dentro de seu papel nas famílias e comunidades camponesas.

Metodologia

A partir da compreensão de que o conhecimento é uma construção social e coletiva e que por isso deve ser produzido a partir dos olhares e sentidos de seus sujeitos, a pesquisa se fundamenta nas práticas do movimento agroecológico e das teorias feministas para a criação de novas formas de *saber-fazer* que integrem linguagens, narrativas e sentires de um universo de atoras diversas para a escrita de uma nova história de suas vidas (Jalil, 2017). Assim, é na busca do cotidiano e dos saberes próprios das agricultoras e da partilha destes saberes a partir das relações de solidariedade que se fará uma compreensão mútua destas realidades e experiências diversas. O trabalho se realizará com agricultoras agroecológicas localizadas na região do Sertão do Pajeú a serem indicadas pela Casa da Mulher do Nordeste, organização não governamental feminista que participa da pesquisa nacional e nos apoia na realização desta. As agricultoras desenvolvem há algum tempo o processo de transição agroecológica em suas propriedades, tendo um sistema já estabelecido e com um bom índice de produção.

Assim, podemos caracterizar a pesquisa como qualitativa e participativa, que prevê algumas etapas, desde a exploratória – onde se aprofundou o objeto de estudo, as teorias, metodologias e instrumentos a serem utilizados; o trabalho de campo – onde será feita a aproximação entre os sujeitos da pesquisa; e a análise dos dados obtidos ao longo do trabalho. Dos instrumentos, se prevê a observação participante (Gil, 2007, p. 114), entrevista informal (Gil, idem, p. 119), entrevista semi-estruturada (Minayo, 2008, p. 64), aplicação de questionário e desenho do mapa do agroecossistema. Além disso, fazemos uso do material produzido a partir dos Seminários Regional e Nacional realizados em Recife – PE no segundo semestre de 2018, que reuniram as pesquisadoras, agricultoras e coordenadoras para a discussão do apurado final da pesquisa nacional das Cadernetas Agroecológicas, como as sistematizações e dados das tabelas.

Resultados e discussões

Até a apresentação deste resumo, não podemos auferir e aprofundar as questões abordadas a partir do território onde se localizam os sujeitos da pesquisa devido às dificuldades provocadas sobretudo pelo processo político em que nos encontramos na atualidade de nosso país, que em maior e menor grau desarticulou e reorientou políticas, organizações, movimentos e redes de atuação na construção do conhecimento agroecológico e feminista, dificultando as idas a campo. Mas a partir dos dados obtidos com a pesquisa nacional, fica evidente a produção das mulheres rurais, mas para além disso, também a sua importância nas relações sociais e culturais em que estão envolvidas e os sentidos diversos e complexos de suas ações. Quando fazem, por exemplo, uma distinção entre valores monetários e não



I CONGRESSO DADÁ DE ESTUDOS DE GÊNERO

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
21 A 24 DE MAIO DE 2019

monetários, se inscrevem numa outra lógica econômica, não puramente racional e quantitativa, mas que leva em consideração uma sensibilização da mulher agricultora com relação à sua produção e a importância social desta produção para sua comunidade, relaciona-se com o seu lugar no mundo e com a forma como o habita. Esta percepção provocada pela prática das anotações nas cadernetas, modifica o olhar das agricultoras sobre si mesmas, o que lhes provoca mudanças nas suas formas de ser e estar no mundo. Registra-se a fala de uma agricultora que expressou que a *valorização* da produção e do consumo através dos registros nas Cadernetas lhe provocou “um maior ânimo para plantar” e, por conta da percepção sobre o que se consumia em casa, isso fez mudar também os hábitos alimentares da família, com ampliação na diversidade de espécies vegetais cultivadas e “uma diferença positiva na economia familiar”.

Por estar em desenvolvimento, a pesquisa oferece ainda diversos outros pontos de reflexão e discussão que serão aprofundados e apresentados em oportunidade posterior.

Conclusões

A pesquisa nacional das Cadernetas Agroecológicas e a do projeto de iniciação científica que se localiza em seu âmbito permitem perceber a importância de se reorientar o olhar, seja da construção do conhecimento feminista e agroecológico, seja da economia tradicional para se repensar este modelo posto de sociedade pautado na reprodutibilidade técnica que ignora as pessoas, suas relações humanas e com a natureza da qual são parte imanente e os sentidos sobre a produção e reprodução da vida. É uma nova forma de ver o mundo e a vida que floresce e está em pleno processo de desenvolvimento, este sendo um desafio ainda maior em tempos onde o fascismo insiste em ganhar corpo, processo do qual procuramos contribuir de forma verdadeira.

Referências bibliográficas:

BUTTO, Andrea (org.); DANTAS, Isolda (org.). Autonomia e cidadania: políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011. 192 p.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

DI SABBATO, Alberto. Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres. Alberto Di Sabbato; Hildete Pereira de Melo; Maria Rosa Lombardi; Nalu Faria; organização de Andrea Butto. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2009. 168 p.



I CONGRESSO DADÁ DE ESTUDOS DE GÊNERO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
21 A 24 DE MAIO DE 2019

FARIA, Nalu. Economia feminista e agenda de luta das mulheres no meio rural. In: Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres. Di Sabbato, A.; Melo, H. P. de; Lombardi, M. R.; Butto, A. (org.). – Brasília: MDA, 2009. p. 13-27

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. – 5. ed. – 8. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. – 14ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2015. 111 p.

JALIL, Laetícia. Rede feminismo e agroecologia do Nordeste/ Laetícia Medeiros Jalil, Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo, Maria do Socorro de Lima Oliveira. – 1. ed. Recife: Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste, 2017. 198 p.:il.

MINAYO, Maria C de S.(org.); DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 27 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 107 p.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Revista Educação & Realidade. v. 20, n. 2. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1995. ISSN 2175-6236.

SILIPRANDI, Emma. Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

TELLES, Liliam; JALIL, Laetícia; CARDOSO, Elisabeth; ALVARENGA, Camila Rafaela. Cadernetas agroecológicas e a contribuição econômica das agricultoras agroecológicas no Brasil. In: Agroecología em feminino: Reflexiones a partir de nuestras experiencias. (Zuluaga Sánchez G, Catacora-Vargas G, Siliprandi E, coord.). La Paz: SOCLA/CLACSO, pp. 141-157.